

Aécio Amaral Jr.

Professor do Departamento de Ciências Sociais, CCHLA/UFPB.

Raízes

Vol. 21, Nº 02, jul.–dez./2002

Trabalho recebido em
10/04/2003

Aprovado para publicação em
25/10/2003

SENSUALISMO E CONSCIÊNCIA REGIONAL: O NORDESTE FREYRIANO*

RESUMO

Este ensaio objetiva apreender a contribuição de Gilberto Freyre para a estruturação de uma consciência regional nordestina ao longo do século XX. A partir de um exame do *Manifesto Regionalista* e de *Nordeste* busco demonstrar como o autor procede a uma teorização/idealização do Nordeste como forma de se contrapor à hegemonia sudestina nos dois principais contextos acadêmico-intelectuais por meio dos quais ele adquire notoriedade nacional: o modernismo nos anos 1920 e a institucionalização das ciências sociais brasileiras a partir dos anos 1930. Sustento que dois motivos românticos informam a teorização freyriana da região: o sonho da comunidade ideal e a hostilidade em relação à racionalidade burguesa ocidental.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, Nordeste, consciência regional.

SENSUALITY AND REGIONAL CONSCIOUSNESS: THE FREYRIAN NORTHEAST

ABSTRACT

This essay intends to apprehend the contribution of Gilberto Freyre to the construction of Brazilian North-eastern regional consciousness during the twentieth century. From an exam of *Manifesto Regionalista* and *Nordeste* I try to demonstrate how Freyre proceeds to a theorisation/idealisation of the Brazilian Northeast as a way to offer resistance to the hegemony of the Brazilian Southeast in the two main academic and intellectual contexts through which he obtains national notoriety: the modernist movement in the 1920's and the institutionalisation of the Brazilian social sciences since 1930's. I sustain that two romantic motives inform the Freyrian theorisation of the region: the dream of the ideal community and the hostility in relation to western bourgeoisie rationality.

Keywords: Gilberto Freyre, Brazilian Northeast, regional consciousness.

A região Nordeste do Brasil é uma formação social que conta pouco mais de um século de existência. No entanto, acostumamo-nos de tal modo a ela, que muitas vezes pensamos tratar-se de uma região que sempre existiu no cenário nacional. A lógica hegemônica que tornou possível a emergência do Nordeste remonta a fins do XIX, momento no qual, como veremos, houve uma quebra na lógica dualista Norte/Sul que caracterizava a geopolítica brasileira.

Ao longo do século XX, a produção de um conhecimento sociológico acerca do Nordeste dificultou o entendimento da lógica hegemônica que subjaz a fundação histórica da região e a conformação inter-regional no país. Em decorrência, ao invés de atuar como instância crítica, o conhecimento sociológico findou contribuindo para a formação de uma consciência regional nordestina. Este é bem o caso de Gilberto Freyre. Neste ensaio argumento

que as obras freyrianas acerca do Nordeste constituem um dos principais elementos na construção histórica da *nordestinidade* como emblema identitário e ideológico.

Para tanto, faz-se necessário contextualizar o momento histórico de emergência do Nordeste e o modo como a obra do autor em questão sofre a influência direta desse contexto. Depois disso, analiso as obras freyrianas que edificaram um conjunto de representações acerca da região, para em seguida demonstrar como tais obras contêm elementos essencialistas que desembocam na formação de um construto teórico com características de ideologia política.

1. DESLOCAMENTO HEGEMÔNICO E DESNÍVEL REGIONAL

Gilberto Freyre iniciou a sua inserção no meio intelectual sob o impacto do deslocamento do centro de poder

* Este ensaio é uma versão ampliada da comunicação intitulada "Gilberto Freyre e a instituição sociológica do Nordeste", apresentada no VII Encontro da Associação Brasileira de Antropólogos Norte-Nordeste, no GT "O Brasil sob o Olhar da *Intelligentsia* Nacional", realizado em Recife, de 28 a 30 de novembro de 2001.

econômico no país do Recife para São Paulo. Após o último quartel do XIX, o Sudeste passou a ser a região fiadora do discurso da identidade nacional, na conformação de uma nova configuração inter-regional (cf. Siqueira, 2000). Era um momento de choque entre sociabilidades modernas e tradicionais, advindo do declínio do escravismo e surgimento do capitalismo industrial. Neste contexto, o Sudeste se antecipa na industrialização — não sem o apoio da *política de melhoramentos materiais* executada pelo Império — em desfavor do norte, ao qual resta barganhar os famosos ‘auxílios à lavoura’ (cf. Mello, 1999).

A conjugação da nova fase do capitalismo no país com a política adotada pelo poder central resultou num processo hegemônico que propiciou o agravamento do desnível regional no país, com conseqüências as mais diversas ao longo do século XX. Como estratégia reativa ao avanço político-econômico sudestino, produziu-se uma série de discursos que reclamavam mais atenção para a região Nordeste, propagandeando-a ora na condição de vítima do maior flagelo social e natural do país (a seca), ora como guardiã dos valores fundantes da *brasilidade*¹. O Congresso Agrícola de 1878, ocorrido no Recife, é o evento a partir do qual os intelectuais, comerciantes, industriais, usineiros e políticos da região começam a erguer um conjunto de representações identitárias acerca do Nordeste, como estratégia de mobilização política e barganha junto ao poder central.

Esse é o momento fundador de uma certa discursividade acerca do Nordeste como região dotada de uma cultura e uma sociabilidade específica, que reverbera efeitos ao longo de todo o século XX². De modo genérico, a obra freyriana pode ser vista como um efeito de sobredeterminação desse momento histórico, sendo mesmo um elemento crucial para a estruturação de um imaginário acerca da identidade cultural nordestina.

Nas décadas de 1920 e 1930, o Recife sediava uma eferescência cultural e intelectual comparável às cenas carioca e paulista. Freyre era uma das figuras de maior destaque na cidade, alertando que havia um passado histórico a ser pensado e que não podia sucumbir de todo aos ventos modernos. Recém-chegado dos Estados Unidos, sua atuação inicial se deu na imprensa local, onde se esmerou na salvaguarda da tradição frente à modernização e

na defesa do regionalismo como solução para a questão federativa (cf. Rezende, 1997).

Gilberto Freyre tinha ciência de que necessitava de uma linguagem específica que legitimava os seus ideais. Reunia a condição de filho da aristocracia decadente e o status de intelectual moderno com livre trânsito nos principais centros acadêmicos europeus e norte-americanos. O discurso sociológico foi o gênero discursivo por meio do qual ele abonou a tese de que o velho penetra o novo, plasmando-lhe uma configuração *sui generis*, essencial para a sua fórmula política de conciliar elementos tradicionais e modernos no processo de ordenamento político e social balizador da crise do pacto oligárquico (Martins, 1995).

Como conseqüência do acirramento das disparidades regionais e do redimensionamento no já aludido complexo hegemônico nacional em fins do XIX, a capital pernambucana perderia espaço no cenário nacional, ao mesmo tempo em que São Paulo, juntamente com o Rio de Janeiro, adquiriria autoridade para ditar o repertório da brasilidade. A atuação intelectual de Freyre pode ser entendida inicialmente como uma atitude de irrisignação diante da perda de harmonia entre as regiões do país, e como um esforço de reclamar para o Nordeste, especificamente para o Recife, o direito de também participar da urdidura da nacionalidade.

Além desse contexto específico, Freyre presenciou no plano nacional a crise do pacto oligárquico e as estratégias de modernização conservadora em voga a partir do segundo decênio do século passado. Neste cenário, dois momentos delimitariam as bases para a inserção freyriana na elite intelectual brasileira. O primeiro reside na eferescência intelectual surgida em torno das reflexões em torno da formação da sociedade brasileira, com enfoque nos estudos de raça, identidade e caráter nacional. Essa é a circunstância propícia para a consolidação do discurso sociológico na explicação do social. Neste contexto, Élide Rugai Bastos afirma que Gilberto Freyre representa o primeiro momento de sistematização da sociologia no Brasil, marcando a transição de uma análise fundada em pontos de vista sobre o social para uma análise mais sociologicamente orientada (Bastos, 1995, p. 65).

Além do cenário acadêmico, o movimento modernista também representou um momento significativo para a in-

¹ Para um maior entendimento da importância do Congresso Agrícola, ver Mello, 1999 e Perruci, 1978.

² Recentemente, Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999) historiou e denunciou o concurso dos intelectuais e artistas na construção do *engenho antimoderno*, uma construção imagético-discursiva erguida com vistas a sustentar a idéia da existência do Nordeste como uma essência cultural invariável. Consoante este autor, Gilberto Freyre é uma das figuras mais atuantes na construção do *engenho antimoderno*.

serção freyriana na intelectualidade nacional. Foi através do seu embate com modernistas sudestinos e nordestinos que se anunciou grande parte da sua concepção acerca do Nordeste. Em meio ao debate sobre modernismo e à consolidação do discurso sociológico, Freyre encontra então espaço para desenvolver um arcabouço conceitual a fim de enaltecer as pretensas virtudes do *ser* brasileiro e por extensão do nordestino. Vejamos mais de perto como tal arcabouço conceitual foi aplicado às obras que tratavam da região.

2. GILBERTO FREYRE E A INSTITUIÇÃO SOCIOLOGICA DO NORDESTE

O motivo básico da obra freyriana é bastante conhecido: sustentar a tese de que o sistema patriarcal fora capaz de fundar uma civilização nos trópicos cujo berço seria o Nordeste. O argumento que ancora tal tese é o de que o tipo étnico-cultural nordestino seria representativo da identidade nacional. Compreender a *instituição sociológica do Nordeste por Gilberto Freyre* requer o reconhecimento do fato de que essa tese é a arma empunhada por Freyre para se contrapor, nos dois contextos acima descritos, aos efeitos nocivos que a regionalização do país causara ao Nordeste, especificamente ao seu Recife.

Daí, sustento que dois motivos românticos informam a concepção freyriana do Nordeste: o sonho da comunidade ideal e a hostilidade para com a racionalidade burguesa ocidental. Vejamos como estes elementos estão presentes nas obras freyrianas que inauguram, nas ciências sociais brasileiras, um discurso sociológico sobre o Nordeste.

Manifesto Regionalista e Nordeste são as obras fundadoras de uma certa discursividade acerca do Nordeste e que dispõem vários dos referenciais identitários que embasam o imaginário historicamente hegemônico acerca dessa região do país. Cada uma das duas obras surge como resposta aos dois contextos acima descritos. Por meio delas Freyre instituiu sociológica e imaginariamente o Nordeste. E o fez com êxito tal, que as categorias por ele manipuladas nessa empresa asseguraram-lhe um lugar de

destaque no panteão dos escritores nacionais, na fundação das ciências sociais no Brasil e no repertório da brasilidade.

Faz-se necessário esclarecer que este ensaio não pretende traçar uma seqüência cronológica entre o *Manifesto e Nordeste*. Como é sabido, o primeiro somente é oficialmente divulgado vinte e seis anos após o evento que lhe deu origem, o Congresso Regionalista, ao passo que o segundo surge em 1937. Ainda assim, é indubitável que, vistos em conjunto, o *Manifesto Regionalista e Nordeste* contêm o núcleo duro das especulações de Freyre a respeito da região, que seriam legadas à posteridade como uma das principais formas de acesso à inteligibilidade desta.

O *Manifesto* surge como resposta e contraposição à tendência predominante entre os intelectuais paulistas da Semana de Arte Moderna e seus adeptos no Nordeste. Assim, esta obra é animada pela intenção de atualizar o imaginário patriarcal como fundamento da organização nacional em meio à modernização que se implantava no país e mesmo como parte dela, em contraposição ao modelo de modernização que se apresentava hegemônico, assentado na idéia de progresso (cf. Araújo, 1994; Martins, 1995). Os argumentos do texto são demasiado conhecidos, mas convém rever alguns.

O Congresso Regionalista de 1926, ocorrido no Recife, do qual originou-se mais tarde, precisamente em 1952, a versão escrita do *Manifesto*, proclamou a existência de uma região nordestina, distinta da do Norte, que seria portadora dos caracteres fundantes da brasilidade³. Com o intuito de evitar a prevalência de interesses estaduais no cenário político-econômico, Freyre apresenta uma concepção que sustenta ser a nação o produto de uma soma de territórios regionais. Nesses moldes, o Brasil deveria ser administrado a partir de critérios regionais, que espelhariam as peculiaridades culturais do país.

Arvorando-se em demonstrar que o seu regionalismo não tinha conotação separatista, mas antes conciliatória, Freyre postulou que a região Nordeste é a chave para a compreensão do país. A sua noção de região é calcada numa substância *“talvez mais histórica que geográfica e certamente mais social que política”* (Freyre, [1926] 1996, p.

³ Algumas semelhanças de ordem geopolítica podem ser apontadas entre o Congresso Regionalista de 1926 e o Congresso Agrícola de 1878. O Congresso Agrícola ocorreu paralelamente e como contraposição ao Congresso Sinimbu, sediado no Rio de Janeiro e que reunia os setores agrícolas do sul e sudeste do país. O Congresso Regionalista surge como contraponto à Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida em São Paulo. Em ambos os eventos, o motivo fundamental é reagir contra o predomínio sudestino no cenário nacional — o primeiro na esfera econômica, o segundo na esfera cultural. Não por acaso o Recife sediaria os dois eventos.

48). O legado histórico e o tipo de configuração social oriunda do patriarcalismo se constituíram num manancial de “valores e tradições de que o Brasil inteiro se orgulha ou de que se vem beneficiando como de valores basicamente nacionais” (Freyre, 1996, p. 52).

Mas é em *Nordeste* que avistamos uma formulação mais sofisticada para a compreensão da região que dá nome ao livro. Para dar cabo da análise do desmoronamento da açucarocracia patriarcal e da penosa substituição do bangüê pela usina, ele promove a monocultura da cana à posição central de uma interpretação sociológica do Nordeste. Tencionando se contrapor a uma visão pejorativa e negativa do que ele chama de ‘nordestização’, Freyre se propõe a “*esboçar a fisionomia daquele Nordeste agrário, hoje decadente, que foi, por algum tempo, o centro da civilização brasileira*” (Freyre, [1937] 1967, p. XI). Essa tarefa exigiria um labor intelectual direcionado à elaboração de uma explicação convincente para o argumento de que o sistema patriarcal fora capaz de fundar uma civilização nos trópicos, e o berço dessa civilização seria o Nordeste.

Freyre classifica *Nordeste* como um ensaio impressionista, capaz de fazer emergir as ‘verdadeiras’ formas da região (1967, p. XIII). A esta altura o autor opera uma inversão no modo de apreensão do real. Haveria, no seu dizer, a ausência entre os brasileiros de uma racionalidade tipicamente burguesa. Como característica cultural disporíamos de um outro instrumento de percepção do real, a saber: o sensualismo. Esse fenômeno resultaria da *facies* ibérica de nossa cultura, responsável pela especificidade da sociedade brasileira via reiteração das nossas raízes não tipicamente européias⁴. A inaptidão para o manejo da racionalidade burguesa desaguardaria na criação de um tipo social e cultural novo, distinto da sociedade racionalista ocidental. As conseqüências desse fenômeno o próprio Freyre aponta:

... a aptidão para a crítica de idéias e para a crítica social surge raramente num ar tão abafado como a atmosfera dos grandes sistemas patriarcais e escravocratas. Parece que dentro deles, as aptidões intelectuais ou se deixam vencer pelo encanto das formas mais sensuais de expressão — a oratória, a poesia de amor, o romance sentimental — ou se desgarram para a matemática ou para a mística. (Freyre, 1967, p. 115)

A esta altura podemos divisar com maior clareza o colorido romântico que informa a concepção freyriana do

Nordeste. A hostilidade em relação à racionalidade burguesa ocidental fez que Freyre almejasse imunizar as fronteiras culturais do Nordeste das influências externas. Com esse intuito, ele asseverava que a fonte para o crescimento, consolidação e manutenção da cultura nordestina reside nos seus próprios componentes internos — na *intra-história* —, prescindindo de elementos externos. Como resultado, o Nordeste é concebido como uma comunidade coesa e auto-suficiente que se volta para a sua própria tradição e desconhece o conflito e o poder. Eis, portanto, os dois elementos românticos condicionando-se mutuamente: a estruturação conceitual da comunidade ideal serve como anteparo aos efeitos da racionalidade burguesa em plagas nordestinas.

A combinação destes elementos evidencia o fato de que estamos lidando com uma interpretação teórica com permeio de ideologia política. Para perceber isso, basta examinar, ainda que brevemente, as categorias e conceitos que dão sustentação à perspectiva freyriana do Nordeste, como de resto a todo o seu construto teórico.

3. ESSENCIALISMO TEÓRICO E IDEOLOGIA POLÍTICA

A fim de ratificar sua equivalência entre tipo étnico-cultural nordestino e identidade nacional brasileira, Freyre afiança que a convivência das três raças num ambiente específico (o trópico) sob os auspícios do patriarcalismo teria originado um tipo cultural *sui generis*. É a tese do iberismo que dá suporte a esta idéia, a qual desemboca na característica que seria responsável pela especificidade da sociedade brasileira: o equilíbrio de antagonismos sociais.

No caso ora em análise, é por meio da tríade explicativa *patriarcalado, o trópico e a interpenetração de etnias e culturas* que Gilberto Freyre teoriza um Nordeste cuja delimitação vai do Recôncavo Baiano ao Maranhão, tendo Pernambuco como centro (cf. Bastos, 1995, p. 67; Freyre, 1967, p. 6). Vejamos os riscos de essencialização contidos numa tal teorização.

Recentemente, Ricardo Benzaquen de Araújo (1994, p. 39) acusou uma certa maleabilidade por parte do autor de *Casa Grande & Senzala* no trato com as noções de raça e cultura, ao relativizá-las de modo a torná-las *compatíveis entre si*. A noção intermediária e responsável pela não separação radical destas duas noções seria a de meio ambiente, exatamente a que faz do trópico a chave de leitura para o entendimento da identidade cultural nordestina como

⁴ Para um maior detalhamento da tese do iberismo sobre a obra de Freyre, ver Bastos, 1998.

síntese natureza/cultura.

Além de Araújo, Jessé Souza também atenta para o fato de que, ao fazer do trópico um dos elementos centrais na composição de uma formação social, Freyre finda por considerar simultaneamente — portanto como instâncias complementares — elementos bastante heterogêneos como as influências biológicas, mesológicas e culturais. Em decorrência, o meio físico age como elemento adaptador e transmissor de heranças culturais (Araújo, 1994, p. 39; Souza, 2000, p. 73). Souza ajunta que é preciso não apenas situar a centralidade de uma tal *hybris* no construto freyriano, mas perceber como o manuseio desta categoria acaba sendo um elemento de reificação que fomenta uma geopolítica (Souza, 2000, p. 74).

No caso do Nordeste, fica claro como a combinação destas categorias é mobilizada com vistas a fazer do meio ambiente a instância asseguradora da persistência do patriarcado diante da racionalidade burguesa ocidental. O autor parece querer trazer para o presente os adornos da tradição em sua originalidade. A sua concepção de intrahistória, já comentada anteriormente, ecoa e ancora-se na posterior idéia de tempo trípico, que reuniria passado, presente e futuro no mesmo período histórico (cf. Freyre, 1981). Com essa formulação Freyre pretende cristalizar no tempo os elementos da cultura nordestina.

Vê-se que a interpretação teórica freyriana do Nordeste é prene de um receituário político; nela o elemento *intransponível* é a existência de atributos invariáveis na cultura nordestina, e parte da sua obra não é senão o esforço de submetê-los a contextualizações, ávido de acompanhar sua evolução e sobretudo sua persistência. Suas formulações acerca da região sedimentaram historicamente uma determinada discursividade acerca do Nordeste, presente em parte do discurso acadêmico, artístico, intelectual e político.

Ao insistir na persistência *qua* essência dos elementos da cultura nordestina, Freyre acaba implementando uma realidade mítica, posteriormente transformada em imaginário. Tal procedimento culmina numa fórmula de intervenção política, contribuindo para a articulação discursiva da regionalização do espaço político brasileiro ao longo do século XX⁵. Define-se agora com maior clareza o argumento inicial do presente ensaio, qual seja: as obras freyrianas acerca do Nordeste contêm elementos essenci-

alistas que desembocam na formação de um construto teórico com características de ideologia política.

A conseqüência direta disso é que a obra freyriana figura no repertório da *nordestinidade*, representando um inegável reforço na construção histórica desta representação ideológica. A atitude de irresignação romântica de Gilberto Freyre frente ao desnível regional no país não contribui para desvelar a lógica hegemônica que permeia os momentos históricos de redefinição e acirramento deste desnível. Ao invés, constitui um mecanismo de apagamento da diversidade de demandas de identidade que coexistem subsumidas pelo rótulo *Nordeste*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do exposto, cabe encerrar com algumas considerações finais. O tipo de fenomenologia das formações sociais que rege a noção freyriana de região não resiste às recentes investidas de parte da teoria sociológica contra o essencialismo no trato com formações sociais. De um ponto de vista lógico, nada assegura a *intransponibilidade* que Freyre quer atribuir ao trópico como elemento transmissor de caracteres culturais. Se retirarmos a centralidade do meio ambiente como categoria responsável pelas peculiaridades sócio-culturais da região, o Nordeste freyriano será uma metáfora morta, incapaz de dar conta da variedade de demandas de identidade e de poder que coexistem sob a mesma configuração social. Com isto, o Nordeste perde qualquer conotação estrutural que lhe assegure alguma substância subjacente. A região perde o seu chão fundador.

Esta afirmação tem um rebatimento direto na retomada da discussão em torno do desnível regional no país. De um ponto de vista político e teórico, a obra de Gilberto Freyre não constitui atualmente uma aliada no entendimento da lógica que move as desigualdades regionais. O tipo de resposta por ele dado a essa questão ‘engessa’, por assim dizer, a ação do conjunto de forças políticas em jogo, na medida em que as manifestações de colorido até mesmo político estariam subsumidas pela atuação estrutural do trópico.

Duas conseqüências advêm deste fato. A primeira é que, conforme já se comentou ao longo deste ensaio, a obra freyriana não permite desvelar a lógica hegemônica

⁵ Intentei noutra parte a análise de situações concretas em que este imaginário incide na política institucional contemporânea, analisando o modo como as obras freyrianas em torno do Nordeste informam o discurso governamental pernambucano no último par de décadas do século XX (cf. Amaral Jr., 2002).

que subjaz a conformação inter-regional no país, assim como suas vicissitudes no correr do tempo. Em outros termos, ao invés de auxiliar na investigação da fundação histórica do Nordeste, a obra freyriana constitui um desdobramento dessa fundação. A segunda consequência é que a retomada, no contexto atual, das obras de Freyre em torno da identidade cultural nordestina pode incorrer em expediente acrítico, se desconsiderar o tipo de referencial sociológico a que estavam subordinadas.

É comum hoje apontar os elementos estilísticos e metodológicos que seriam representativos da ‘genialidade’ gilbertiana: a versatilidade metodológica, o emprego das chamadas novas narrativas, o uso do meio ambiente como categoria sociológica. Em *Nordeste* isso é particularmente notório. É indubitável o aspecto inovador de tais elementos, sobretudo se considerarmos a sua utilização já na década de 1930. Igualmente indubitável, porém, é o risco inerente ao ato de resgatar tais elementos descontextualizando-os, ou seja, desconsiderando a sociologia a que estavam subordinados. Sociologia esta que mais e mais expõe insuficiências para auxiliar a compreender fenômenos sociais que escapem à lógica do discurso ideológico da *brasilidade* e da *nordestinidade*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. (1999) *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife, FJN/Ed. Massangana; São Paulo, Cortez.

AMARAL JR., Aécio. (2002) Relações perigosas: o imaginário freyriano no discurso governamental. *Tempo Social*, São Paulo, 14(2): 163-186.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. (1994) *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro, Ed. 34.

BASTOS, Élide Rugai. (1995) Gilberto Freyre e as Ciências Sociais no Brasil. *Estudos de Sociologia*, Recife, 1(1): 63-72.

_____. (1998) Iberismo na obra de Gilberto Freyre. *Revista da Usp*, (38): 48-57.

FREYRE, Gilberto. (1996) *Manifesto Regionalista*. 1ª edição 1926. Recife, FJN/Ed. Massangana.

_____. (1967) *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 1ª edição 1937. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora.

_____. (1981) *Insurgências e ressurgências atuais: cruzamentos de sins e não num mundo em transição*. Rio de Janeiro, Editora Globo.

MARTINS, Paulo Henrique. (1995) A cultura política do patriarcalismo. *Estudos de Sociologia*, Recife, 1(1): 35-51.

MELLO, Evaldo Cabral de. (1999) *O norte agrário e o império — 1871-1889*. 2 ed. Rio de Janeiro, Topbooks.

PERRUCCI, Gadiel. (1978) O canto do cisne dos barões do açúcar. In: *Trabalhos do Congresso Agrícola do Recife*. Recife, CEP/PE. (Edição fac-símile)

REZENDE, Antônio Paulo. (1997) *(Des)Encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife, Fundarpe.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. (2000) Nação e região: os discursos fundadores. Ministério da Cultura. (no prelo)

SOUZA, Jessé. (2000) Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo Social*, São Paulo, 12(1): 69-100.